



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 18 | Nº. 34 | Jan./Jun. de 2026

ENTRE O SOFRIMENTO E A CURA: dinâmicas históricas nos estudos e pesquisas que abordam saúde e doenças.

A História da Saúde e das Doenças consolidou-se, nas últimas décadas, como um dos campos mais dinâmicos da historiografia. Ao deslocar o olhar da doença enquanto fenômeno exclusivamente biológico para compreendê-la como construção histórica, social e cultural, esse campo tem evidenciado que os modos de adoecer, cuidar, curar, isolar e morrer são atravessados por relações de poder, disputas de saberes, experiências individuais e coletivas, representações simbólicas e projetos políticos. Saúde e doença deixam, assim, de constituir apenas objetos da medicina para se tornarem categorias privilegiadas de análise das sociedades em diferentes tempos e espaços.

É nesse horizonte interpretativo que se insere o dossiê "**Entre o sofrimento e a cura: dinâmicas históricas nos estudos e pesquisas que abordam saúde e doenças**", publicado pela *Revista Historiar*, do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Reunindo pesquisadores de diferentes instituições brasileiras e estrangeiras, o conjunto de trabalhos demonstra a vitalidade do campo e a diversidade de abordagens que caracterizam a História da Saúde na atualidade.

A proposta deste dossiê foi reunir pesquisas que compreendem a saúde e a doença para além de sua dimensão biológica, analisando-as como construções sociais e históricas. Ao investigar como diferentes sociedades, em distintos contextos temporais e espaciais, perceberam, nomearam e responderam às enfermidades, os estudos aqui publicados revelam tensões políticas, relações de poder, disputas pela legitimidade do conhecimento e valores culturais que moldaram experiências de adoecimento e de cura. Mais do que reconstruir práticas médicas, os artigos exploram as múltiplas formas pelas quais indivíduos, comunidades, instituições e Estados produziram sentidos para o corpo, o sofrimento, a normalidade e a doença.

Um dos aspectos que confere unidade ao dossiê é justamente a pluralidade de escalas e temporalidades abordadas. Os artigos percorrem um amplo arco cronológico, que se estende da Idade Média ao século XXI, contemplando diferentes espaços geográficos — Portugal, Brasil Imperial, Primeira República, Ditadura Militar e período contemporâneo — e uma diversidade de fontes documentais, entre as quais tratados médicos, jornais, correspondências, documentos oficiais, relatos orais, periódicos especializados e documentos institucionais. Essa variedade evidencia não apenas a riqueza metodológica do campo, mas também sua capacidade de dialogar com a História Cultural, História Social, História Política, História das Ciências, História da Imprensa e Estudos de Gênero.

A dimensão histórica dos saberes médicos e das práticas de cura é explorada em diferentes perspectivas. Em **"O ofício das parteiras na obra *Lílio da Medicina* de Bernardo de Gordônio (século XIV): saberes, práticas e os cuidados na gravidez"**, Natália Antunes Muniz e Maria Dailza da Conceição Fagundes investigam o lugar ocupado pelas parteiras na medicina medieval, evidenciando a complexidade dos conhecimentos femininos relacionados à gestação, ao parto e ao puerpério.

Ainda no universo da obstetrícia, Ana Luiza Mendes Verissimo, em **"Entre a arte e a ciência: parteiras, cirurgiões-parteiros e a medicalização do parto no Portugal setecentista"**, analisa a lenta incorporação do parto ao domínio da

medicina acadêmica portuguesa, mostrando que a medicalização foi um processo gradual, permeado por disputas de gênero, autoridade científica e permanência de saberes tradicionais.

As tensões entre medicina oficial e práticas de cura aparecem também em **"Não me inculco médico ou cousa que o valha": o prático de farmácia Manoel José Vieira e as disputas por legitimação no âmbito da cura em Amarante-PI (1870 a 1890)**, no qual Isadora Frota Barros Pimentel e Joseanne Zingleara Soares Marinho demonstram como a consolidação do saber médico científico implicou intensos conflitos com agentes tradicionais da cura, evidenciando que a profissionalização da medicina esteve longe de ser um processo consensual.

Essas disputas pela legitimidade profissional reaparecem em outro contexto histórico no artigo **"A resistência de dentistas e farmacêuticos práticos no periódico *A Voz dos Práticos* (Ceará, 1948-1954)"**, de Yasmin de Caldas Maia e Iranilson Buriti de Oliveira. A partir da imprensa especializada, os autores mostram como grupos marginalizados pelas políticas de regulamentação mobilizaram estratégias políticas e discursivas para defender sua permanência no campo da saúde.

O papel do Estado na organização da assistência médica é examinado por Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos em **"A criação do cargo de 'médico da pobreza' no Ceará em 1837"**. Ao analisar a institucionalização desse cargo, o estudo evidencia que as políticas públicas de saúde já ocupavam lugar importante na construção do Estado imperial brasileiro, articulando assistência, pobreza e administração provincial.

As epidemias constituem outro eixo estruturante do dossiê. Em **"As ações públicas na epidemia da cólera em Sucatinga no ano de 1862 a partir da imprensa provincial"**, Pedro Pereira do Nascimento, Izabel Cristina Gomes de Sousa e Alexandre dos Santos Rocha investigam as respostas governamentais ao avanço da doença, demonstrando como imprensa, autoridades e população disputavam narrativas acerca da gravidade da epidemia e das medidas de enfrentamento.

A relação entre imprensa e epidemias também é aprofundada por Paulo Daniel Cracel Silva em **"A gripe em discurso: narrativas e representações da epidemia de 1918–1919 no jornal *A Capital*"**, estudo que evidencia como os jornais portugueses participaram ativamente da construção dos significados sociais

da gripe pneumônica, articulando discursos médicos, críticas políticas e interpretações morais sobre a crise sanitária.

Já Marina Sampaio Fernandes, em **"Bexiga Taboca: memória, varíola e experiência social da doença na Paraíba (1914)"**, aproxima História Oral, memória coletiva e História das Doenças para compreender como experiências familiares preservam narrativas sobre o adoecimento, revelando dimensões subjetivas frequentemente ausentes da documentação oficial.

Outro importante conjunto de trabalhos dedica-se às instituições de saúde, particularmente aquelas relacionadas ao tratamento da loucura e ao isolamento compulsório. Anna Beatriz da Silva Viotto e Luís Antônio Francisco de Souza, em **"Narrativas da loucura e institucionalização psiquiátrica no Brasil: notas históricas da Colônia à Reforma Psiquiátrica"**, oferecem uma ampla síntese da trajetória da assistência psiquiátrica brasileira, desde o período colonial até a Reforma Psiquiátrica, discutindo a construção histórica da loucura como objeto médico e político.

Na mesma direção, Maria Alice Mendes Pereira analisa, em **"A assistência psiquiátrica nas páginas do jornal Estado de Minas (1979)"**, os debates públicos sobre a crise do modelo manicomial durante a abertura política brasileira, evidenciando o papel da imprensa na emergência da luta antimanicomial.

Complementando essa discussão, Danielly dos Santos Furtado, em **"Do isolamento compulsório à reconstrução de sociabilidades: experiências cotidianas dos internos da Colônia Antônio Diogo na segunda metade do século XX"**, desloca o foco das políticas institucionais para a experiência cotidiana dos sujeitos internados, revelando que, mesmo em contextos marcados pela segregação, os internos produziram formas próprias de sociabilidade, moralidade e resistência.

Por sua vez, Anne Thereza de Almeida Proença, em **"Espaço de cura ou centro da peste? A polêmica que envolveu o Instituto Sanitário Hidroterápico e a Armada Imperial na Nova Friburgo oitocentista"**, demonstra como os espaços destinados à cura também eram atravessados por disputas políticas, interesses econômicos e diferentes concepções sobre doença, higiene e terapêutica, evidenciando o papel da imprensa na construção desses debates públicos.

Por fim, Sabrina Araujo de Sousa, Raiza Aparecida da Silva Favaro e Christian Fausto Moraes dos Santos, em **"O caso clínico de amor: análise dos sentimentos patológicos em um manual de medicina oitocentista (1836)"**, ampliam os horizontes da História das Doenças ao investigar a medicalização das emoções. O estudo demonstra como a medicina oitocentista transformou paixões e sentimentos em objetos científicos, utilizando o discurso médico para regular comportamentos, moralidades e, especialmente, os corpos femininos.

Em conjunto, os artigos aqui reunidos reafirmam que a História da Saúde e das Doenças constitui um campo privilegiado para compreender processos históricos mais amplos. As pesquisas revelam que epidemias, instituições hospitalares, práticas terapêuticas, políticas públicas, discursos científicos e experiências individuais não podem ser analisados isoladamente, mas como parte de complexas redes de produção de saberes, exercício do poder e construção das sensibilidades sociais.

Mais do que narrar a evolução da medicina ou das enfermidades, os trabalhos apresentados convidam o leitor a refletir sobre as múltiplas maneiras pelas quais diferentes sociedades construíram respostas para o sofrimento humano. Ao evidenciar permanências, rupturas, disputas e resistências, este dossiê demonstra que a história da saúde é, sobretudo, uma história das relações humanas, dos corpos, das emoções, das desigualdades e das diferentes formas de produzir esperança diante da doença.

Esperamos que este conjunto de estudos estimule novos diálogos entre pesquisadores de diferentes áreas, fortaleça as investigações em História da Saúde e das Doenças e contribua para ampliar o entendimento de que compreender historicamente o adoecimento é também compreender as sociedades que o produziram, interpretaram e enfrentaram. Afinal, entre o sofrimento e a cura encontram-se não apenas as doenças, mas as múltiplas formas pelas quais homens e mulheres atribuíram sentido à própria experiência da vida.

Maria de Fátima de Moraes Pinho (URCA)

fatima.pinho@urca.br

Zilda Maria Menezes Lima (UECE)

zilda.lima@uece.br

Jucieldo Ferreira Alexandre (UFCA)

jucieldo.alexandre@ufca.edu.br

Francisco Egberto Melo (URCA)

francisco.melo@urca.br